

Uma visão transdisciplinar da construção da identidade cultural, socioeconômica e científica goiana: influências do ruralismo e criação de gado

Una visión transdisciplinar de la construcción de la identidad cultural, socioeconómica y científica de goiás: influencias del ruralismo y la ganadería

Una visión transdisciplinar de la construcción de la identidad cultural, socioeconómica y científica de goiás: influencias del ruralismo y la cría de ganado

DOI: 10.54901/educa.v9-533

Guilherme Santos da Silva¹

Flávia Melo Rodrigues²

Cinara Rejane Viana Arantes Cruvinel³

Hugo Bampi⁴

Idiandra Vieira dos Santos Alves⁵

Elzilene Maria Lopes de Souza⁶

RESUMO: A identidade cultural, socioeconômica e científica de uma região é formada por um conjunto articulado de influências históricas, geográficas e sociais. Goiás, um estado localizado na região Centro-Oeste do Brasil, oferece uma perspectiva importante dessas dinâmicas devido à sua rica tradição rural e forte presença da pecuária. A cultura rural de Goiás é profundamente entrelaçada com a pecuária, influenciando desde as tradições e festividades até a economia regional. Historicamente, Goiás tem sido um epicentro da pecuária no Brasil, uma prática que remonta ao período colonial. A criação de gado não apenas transformou a paisagem física do estado, mas também teve um impacto profundo nas estruturas sociais e econômicas locais. Neste artigo é utilizado uma revisão bibliográfica utilizando uma abordagem transdisciplinar entrelaçando os diversos saberes epistemológicos para se chegar a um pensamento sobre como foi construída a identidade goiana remontando desde o período colonial até os costumes e tradições contemporâneas.

Palavras-chave: Identidade Goiana. Sertanejo. Boiadas. Transdisciplinar.

¹ Mestre em Ciências Ambientais e Saúde, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiania, Goiás, Brasil. E-mail: 20241209200170@pucgo.edu.br

² Doutora em Ciências Ambientais, Universidade Federal de Goiás (UFG), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiania, Goiás, Brasil.
E-mail: flavia.rodrigues@ueg.br

³ Doutora em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiania, Goiás, Brasil.
E-mail: 20222300300037@pucgo.edu.br

⁴ Doutor em Ecologia e Evolução, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiania, Goiás, Brasil.
E-mail: hugobampi@discente.ufg.br

⁵ Doutoranda em Ciências Ambientais e Saúde, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiania, Goiás, Brasil. E-mail: santosvieiraidi@gmail.com

⁶ Doutora em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiania, Goiás, Brasil.
E-mail: 20221300300101@pucgo.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A identidade cultural, socioeconômica e científica de uma região é formada por uma teia complexa de influências históricas, geográficas e sociais. Goiás, um estado localizado na região Centro-Oeste do Brasil, oferece uma reflexão relevante dessas dinâmicas devido à sua rica tradição rural e forte presença da pecuária. A cultura rural de Goiás é profundamente entrelaçada com a pecuária, influenciando desde as tradições e festividades até a economia regional. (Silva, 2020).

Essa análise adota uma abordagem transdisciplinar⁷ buscando compreender como o ruralismo, com especial enfoque na criação de gado, moldou e continua a moldar a identidade goiana. Ressalta-se que algumas nomenclaturas empregadas ao longo do texto correspondem ao contexto histórico em que foram registradas em suas obras originais, razão pela qual foram preservadas. Historicamente, Goiás tem se destacado como o epicentro da pecuária no Brasil (IBGE, 2023), uma prática que remonta ao período colonial. A expansão na criação de gado não apenas transformou a paisagem física do estado, mas também impactou profundamente as estruturas sociais e econômicas locais (Faria, 2020).

A perspectiva transdisciplinar deste estudo permite uma análise abrangente que transcende as fronteiras de disciplinas isoladas. Ao integrar conhecimentos de história, sociologia, economia, e ciência agrária, examina como a prática da criação de gado em Goiás contribuiu para a formação de uma identidade cultural única, promoveu o desenvolvimento socioeconômico, e incentivou avanços científicos específicos à região.

Esta temática revisa a literatura existente sobre a identidade cultural goiana e a influência da pecuária, apresenta os resultados de pesquisas históricas e empíricas e discute as implicações desses resultados para a compreensão da identidade goiana. Finalmente, subsidia conclusões e sugestões para futuras pesquisas, com ênfase na importância de uma abordagem transdisciplinar para caracterizações regionais.

Este trabalho além de enriquecer a compreensão acadêmica sobre a identidade goiana, fornece *insights* práticos que podem ajudar a guiar políticas públicas e iniciativas de desenvolvimento regional. Ao dialogar nas interconexões entre cultura, economia e ciência, esperamos contribuir para uma apreciação mais profunda e integrada da complexa tapeçaria que constitui o estado de Goiás.

⁷ Para a autora Ivani Catarina Arantes Fazenda (1979), o conceito de transdisciplinaridade seria Ciência das Ciências, em uma visão de que a complexidade do conhecimento transcende a fragmentação do saber.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÃO

Discutir a questão da “identidade” social é de suma importância, uma vez que as antigas identidades sociais se desestruturaram e fragmentam o indivíduo moderno, até então concebido como um sujeito unificado.

A questão da “identidade” está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (Hall, 2023)

O sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall, teoriza que a crise de identidade são consequências das transformações estruturais das sociedades modernas. Desse modo, ele se refere a emancipação das antigas amarras sociais e seus desafios, bem como as incertezas relativas à elaboração de novas concepções identitárias em um contexto mundial caracterizado por mudanças contínuas.

2.1 Contribuições da Obra: Relatos de Auguste de Saint-Hilaire em Viagem às Nascentes do Rio S. Francisco e pela Província de Goyaz

É notório que a pecuária faz parte da cultura e economia goianiense desde 1819 quando ainda estava se descobrindo a região da província de Goyaz. Auguste de Saint-Hilaire, um dos pioneiros a desbravar os sertões goianos descreve bem este cenário quando diz:

O systema de agricultura adoptado em Goyas e o que o foi em Minas, etc. - Fertilidade do sólo. - As plantas ahi cultivadas. **Gado bovino**, cavallos, carneiros, porcos. - Productos que não podem ser exgottados e apenas encontram algum consumo no proprio paiz. - Os .que se .podem exportar. - O assucar, o tabaco, o trigo, .e o algodão. - Plantas cujos .productos representam, .sob pequeno volume, valores consideráveis, e que poderiam ser cultivados com vantagem. O chá, o anil, a amoreira, a vinha. - Augmento fácil da quantidade de **gado bovino**, cavalar, suíno e lanígero. - Meios a que o governo deveria recorrer para estimular a agricultura, favorecer a multiplicação dos **rebanhos**, e decidir os colonos a renunciarem a seus hábitos destruidores. - Necessidade de conservar os bosques. - Estimulos que seria necessário conceder á exploração das minas de ferro. (Saint-Hilaire, 1937, p. 321 a 322, grifo próprio).

Segundo o autor, a comarca do Norte em 1819 pelo fato de possuir pastagens imensas e ser mais próxima do litoral que a do Sul, enviava todos os anos consideráveis manadas de bois

à Bahia. Por outro lado, a comarca do Sul ainda apesar de ser bem menos vantajosamente situada também enviavam gado para fora da província e tinham capacidade para exportar mais devido suas ricas campinas. Saint-Hilaire descreve que quando esteve na paróquia de Santa Luzia os habitantes se queixavam de não poderem desfazer de boiadas se não as enviando a Bambuhy ou a Formiga em Minas Gerais, afastas de cerca de 130 a 146 léguas e, por conseguinte, só retirarem lucros insignificantes.

Em seus relatos, Saint-Hilaire relata que os Mercadores de S. João d'El Rei iriam todos os anos a Araxá comprar gado dos colonos e que enquanto viajava entre Bom Fim e Santa Cruz, as povoações mais meridionais da província de Goyaz permutavam diversas mercadorias por cabeças de gado que carregavam para engordar nos seus pastos.

Na perspectiva de Auguste de Saint-Hilaire é possível perceber a importância cultural e econômica que o ruralismo e os rebanhos têm na construção da identidade goianiense desde os seus primórdios.

Contudo, as contribuições do autor não se limitam apenas aos costumes e cultura dos goianos, pois até então a atenção estava no comércio do gado sob os olhares de Saint-Hilaire em 1819. No mesmo livro especificamente no capítulo XV o foco é nos costumes dos Goyazes onde é realizada uma comparação com as pessoas que na mesma época ocupava a província de Minas Geraes.

Destaca que, embora os ocupantes de Minas Geraes estivessem sujeitos às mesmas condições que os de Goyaz e a província mineira tenha se desenvolvido de maneira semelhante à de Goyaz, o fato de os mineiros terem adquirido e preservado suas riquezas ao longo do tempo proporcionou-lhes condições para garantir a educação de seus filhos. Dessa forma, o autor relata que foi tratado de maneira mais cordial na província de Minas Geraes do que em Goyaz. Retrata as crianças como sem alegria e inocência não as vendo brincar umas com as outras e entregavam-se a prazeres enervantes. Os jovens foram retratados como “mais tristes ainda”, e conheciam apenas gozos “impuros”, definindo que a maioria se entregava ao embrutecimento, ao tédio e a aguardente de cana.

Algumas sugestões foram apresentadas pelo literato para que se melhorassem nos aspectos econômicos, culturais, dentre outros no sentido de aprimorar as condições dos habitantes da província de Goyaz.

No aspecto econômico e ambiental sugeriu que investissem na exportação agropecuarista, com melhor aproveitamento das terras já desbravadas para agropecuária, na intenção de conservar as matas existentes.

No campo cultural propôs intervenções de caráter religioso para dar educação e uma orientação espiritual para os colonos daquela província já que havia percebido que eles não tinham um norteamento único nesses aspectos crendo em superstições simplistas criados no imaginário popular como lobisomens, feiticeiros, almas dos outros mundos, demônios familiares e outras crendices.

Embora suas observações, especialmente nos aspectos econômico e ambiental, sejam pertinentes, sua perspectiva não pode ser acolhida integralmente, sobretudo no que se refere à forma de canonizar e educar os habitantes daquele local, uma vez que seus costumes e crenças foram elementos relevantes para a compreensão desse contexto histórico.

A contribuição de Auguste Saint-Hilaire foi fundamental para demonstrar que essa temática, ao longo do tempo, influenciou não apenas a concepção contemporânea de identidade, cujos reflexos permanecem até os dias atuais, mas também remete às origens da formação da sociedade goiana, marcada por aspectos socioculturais e econômicos profundamente enraizados na ruralidade e na criação de gado. Conforme reforçado por Canedo (2016, p.174):

Em especial, no século XIX, outras comitivas, quase sempre solitárias, começaram a construir a história dos goianos, eram elas compostas, quase sempre, por um viajante europeu e seu auxiliar. Esses viajantes foram responsáveis pela confecção de diários que configuraram por muito tempo as descrições praticamente mais completas das novas terras. Entre eles estão Augusto de Saint - Hilaire, Luiz D'Alincourt e Francis Castelnau; pessoas ligadas à administração da Capitania, como o ex - governador Alencastre; militares como Cunha Mattos e pessoas ligadas ao Clero, como o padre e poeta Silva e Sousa, que também contribuiu para as páginas da Historiografia. Já no século XX outros historiadores surgiram, como o padre Luiz Palacín e o pesquisador e professor Nars Chaul, debruçando - se sobre os estudos da história goiana. Vale lembrar que no século XX se verifica um número expressivo de historiadores dedicados à manutenção ou revisão dos fatos outrora historiografados em Goiás. (Canedo, 2016)

A historiografia de Goiás não se restringe apenas aos relatos de Saint-Hilaire, assim como ele existiram algumas comitivas independentes, historiadores e demais pesquisadores que contribuíram e contribuem significativamente para registrar nossa história e delinear nossa identidade.

Nossa formação identitária e a visão de como éramos e como somos está em contínuo processo de construção conforme o descrito por Stuart Hall (2023), e é nesta perspectiva que torna relevante a busca por nossa identidade com uma visão abrangente e panorâmica em uma concepção transdisciplinar.

2.2 A Concepção Teórica, Identitária e Cultural do Goiano

Assim, iniciamos a discussão em torno da construção de nossa identidade cultural vinculada ao ruralismo sertanejo, com o seguinte questionamento: “Que identidade construímos ao longo desse processo histórico?”.

Para entender o que nos tornamos Chaul (2011) teoriza que:

Compreender a identidade do goiano, **esse ser do Cerrado**, é uma forma de pensar melhor a ideia de um Brasil Central ou de uma identidade de Centro-Oeste, unido, quem sabe, **pela complexidade do sertão, pela possibilidade do Cerrado, ambiental e culturalmente falando**.

O que é ser goiano? **Que bicho é esse com o qual agora começam a se preocupar os estudos brasileiros em geral, desde o crescimento econômico até a novela Araguaia? Como se denominaria esse matuto macunaímico que vive entre o sertão de Guimarães Rosa e as veredas de Carmo Bernardes? Esse ET transformista, misto de agrário e urbano, roça e cidade, curral e concreto? Nós de Goiás, que por tanto tempo vivemos à sombra da história definida pelo centro-sul do país, quem somos, ou melhor, o que nos tornamos?** (Chaul, 2011)

Ao analisar os relatos de viajantes, cronistas, governadores e historiadores, observa-se que as diferentes perspectivas sobre Goiás são mais distantes do que as próprias interpretações da região. As trilhas históricas formaram um mapa invisível, por onde Bartolomeu Bueno, o Filho, e historiadores tentaram se orientar durante as expedições. No entanto, essas visões impuseram à região rótulos, estigmas e heranças imerecidas, moldando a maneira como deveríamos ser percebidos pelos outros. Nesse sentido, Chaul (2011, grifo nosso) relata o seguinte:

Em Goiás, caminhando pelos relatos dos viajantes, cronistas, governadores e historiadores, a distância de cada olhar se torna maior que o caminho das interpretações. As picadas e trilhas formaram, ao longo do processo histórico, um mapa quase invisível de latitudes interiores, por onde Bartolomeu Bueno, o filho, procurou-se guiar e os historiadores de toda cepa procuraram nos remeter, **dando nos rótulos, estigmas e heranças imerecidas de como deveríamos ser ao olhar do outro**. (Chaul, 2011)

Em seus relatos Saint-Hilare ao se referir anteriormente aos habitantes da província de Goyaz como pessoas com menos amabilidade em suas recepções, relatando crianças e jovens como pessoas tristes, seres com pouca instrução, mais brutas e sem uma linha de crença/religiosa direcionada, ele o estava relatando segundo o seu ponto de vista e suas expectativas sobre aquela população, percepção esta que nos remete ao signo atávico do ócio, do atraso, do isolamento como é retratado por Chaul (2011) onde diz:

Os viajantes que passaram por Goiás com seus olhos embotados de realidades europeias conseguiram vislumbrar um aspecto comum: a decadência da capitania. Esse estigma de terra do “atraso”, da “decadência”, do marasmo e do ócio, serviu para se identificar o goiano – e criar o que chamaríamos de goianice – por vários séculos, até que outra construção e outro estigma o substituísse, baseado na ideia de modernização em forma de progresso apregoada após o movimento de 1930. Através do viés do progresso os arautos de 30 procuraram reconstruir a imagem de Goiás e imprimir uma face mais contemporânea ao estado, o que poderia ser visto como a tentativa de inserir a região na construção da nação. Assim, a título de representação, a “goianice” nos remete à época em que a ideia de “decadência” serviu para rotular o contexto da história de Goiás após a crise da mineração, enquanto que o que chamamos de “goianidade” nos indica a construção da ideia de modernização através de uma de suas representações, o progresso, fruto dos projetos político-econômicos do pós-30 em Goiás. A “goianidade” abrange uma época em que se procura mesclar o “velho” e o “novo”, fundir o “antigo” e o “moderno”, envolver o rural e o urbano e confluir o “atraso” e o “progresso” pelos caminhos da história.

É possível perceber pela visão contemporânea do autor quando reafirma o pensamento de que fomos caracterizados de forma errônea em relação aos nossos aspectos identitários principalmente culturais, pois a forma como éramos vistos/observados baseavam-se nas interfaces de quem nos observava.

Araújo e Carneiro (2015, p.11) corrobora essa visão quando diz que:

A identidade cultural, em sua essência epistemológica nas ciências sociais e humanas, pode ser vista como uma construção subjetiva, e em constante progressão e mudança do “eu” individual ou coletivo do sujeito, a ser substanciada não mais somente pelo olhar do outro, mas sim instrumentalizada pelas formas simbólicas, que ligam o ser social e sua condição existencial, a seus grupos sociais e suas práticas culturais, em textos e contextos geográficos de lugar, paisagem e território.

A dicotomia que traz os termos “goianice” e “goianidade” está intimamente atrelada ao que já foi supracitado por Hall (2023) ao afirmar existir uma “crise de identidade” e essa crise não apenas nos remete às mudanças de comportamentos ou de arranjos sociais, mas também como queremos ser vistos e identificados por aqueles que nos observam, e isso pode ser demonstrado quando Chaul (2011, p.43, grifo nosso) nos descreve da seguinte maneira.

Culturalmente, porém, somos fruto de uma mestiçagem maravilhosa, resultado dos elementos que nos compuseram e nos legaram um potencial fantástico de traços culturais entre o índio nativo, o negro africano e o branco europeu, traços estes que podem ser encontrados da literatura às artes plásticas, passando pela música e pela dança. Somos o arquétipo do desejo da realização, a vida comunitária dos índios que os hippies tentaram um dia adotar, somos a secular batucada e ritos africanos, onde os Kalunga nos guardam desde tempos imemoriais. Somos a modinha lusitana nos saraus de Vila Boa, o traço europeu nas óperas dos barracões de Meya Ponte, hoje Pirenópolis, somos ainda a herança espanhola ou portuguesa das cavalhadas, a viga mestra do cristianismo na procissão do fogaréu na Cidade de Goiás e somos mais ainda nós, os goianos, os homens pardos de que nos falou Luiz Palacin, na catira, nas folias de reis e do divino ou na dança do congado de Catalão.

Aprendemos a ser musicais, afromusicais, euromusicais, pardo musicais. Bandas como a Corporação 13 de Maio de Corumbá de Goiás ou a centenária Banda Phoenix de Pirenópolis reproduzem nossa melhor herança musical dos séculos XVIII e XIX. As mãos autodidatas de Veiga Valle teceram arte em santos barrocos de Meya Ponte a Vila Boa. **Hugo de Carvalho Ramos traduziu a sociedade agrária goiana com engenho e arte entre tropas e boiadas que foram depois conduzidas por Bernardo Elis, Carmo Bernardes e José J. Veiga que lhe deram sobrevida, pela vida que cedo lhe faltou.** Cora nos deu poemas que transformaram a casa velha da ponte em um símbolo capaz de representar uma cidade patrimônio mundial. D. J. Oliveira, Siron, Cléber, Ana Maria Pacheco, Poteiro, Roos, dentre tantos nos traduzem para o mundo, mas foram buscar suas raízes em Confaloni e este nos índios. Somos tanto frutos culturais de nosso processo histórico que o samba não se fixou tanto na cultura local e talvez encontre eco na afirmação de Palacin de que o fim da escravidão quase não alterou em nada nossa economia, pois tínhamos pouco mais de 4 mil escravos por todo o antigo território goiano. Companhias de dança como a Quasar são capazes de atravessar mundos e falar a mesma linguagem de outros povos no sentido contemporâneo da dança. São capazes de traduzir nossa realidade de capital extremamente moderna em *art déco* dos anos 40 do século passado, **cravada em pleno interior que era Campinas, daí o fruto da capital mesclada ao interior, do urbano com o rural, do sertão e do litoral, do campo e da cidade.** Assim, será a partir da rediscussão das ideias de “decadência” e de “atraso” que vislumbraremos a construção da ideia de modernização enquanto progresso, buscando a identidade goiana, a goianidade, que permeou toda a história de Goiás após o movimento de 30.

Esta interpretação da visão da identidade cultural de Goiás ligada a uma construção ao longo do tempo onde estamos vivenciando uma era marcada por paradigmas complexos e por diversidades que desafiam antigas certezas da modernidade, refletindo em uma evolução contínua nas formas de pensar, viver e se relacionar. Essa perspectiva é amplamente discutida por filósofos como Michel Foucault, Jacques Derrida e Lyotard, explorando temas como poder, conhecimento e linguagem, dando ênfase a relatividade e a construção social das verdades.

Após 1930, era necessário inserir a região na nação. O resgate que os grupos dominantes do pós-30 fizeram das ideias acima expostas e o uso político-ideológico dessas mesmas ideias na construção da imagem de “um novo tempo”, de um “novo Goiás que emerge”, de um “estado novo” que solucionaria os problemas gerais do passado, de uma “nova capital” em consonância com os interesses dos grupos políticos em ascensão, puderam traçar o perfil da goianidade que iria se transfigurar na brasilidade apregoada no período.

Compreendendo historicamente nossa goianidade estaremos entendendo melhor o **sentido cultural do sertão, do cerrado goiano**, da ideia síntese que nos deu Vila Boa de como se manter quase intacta para ser moderna, como se preservar para ser eterna, como sendo tão antiga ficou maior que seu algoz, Goiânia. Por tudo, acredito que alguma nuance cultural pode nos unir em termos de Centro-Oeste ou Brasil Central, permeando por sobre o nosso **processo histórico**, por sobre a batida de uma viola, uma dança indígena, uma herança arquitetônica, uma forma indivisível de como continuar fazendo parte dos desafios do Brasil Central. (Chaul, 2011, p.43, grifo nosso)

Ainda com a desconstrução da visão de identidade cultural de Goiás é possível perceber que prevalece a interferência de marcas da ruralidade, do gado, do sertão, do Cerrado e de suas belezas naturais que jamais serão desvinculadas dos sujeitos que ocuparam e ocupam este lugar.

É impossível falar da nossa goianidade sem mencionar José Mendonça Teles (1936-2018) que assim como Chaul (2011) sempre demonstrou sua paixão pela nossa identidade reconstruída e vista sob os olhos de quem realmente participou efetivamente da história de Goiás.

José Mendonça foi retratado como o “Midas Goiano” pelo escritor Bariani Ortencio em referência ao mito do Rei Midas de que tudo em que tocava se transformava em ouro, pois era bem-sucedido em tudo que comandava. Era pesquisador, cronista e historiador, um dos maiores defensores do Patrimônio histórico e artístico de Goiás, tanto que escreveu a letra do 2º Hino oficial de Goiás e também do Hino Atlético Clube Goianiense, além de ser o responsável por trazer a documentação histórica de Goiás referente ao período de 1750 a 1822. (Sousa, 2017).

Para concluir este tópico, é relevante evidenciar o orgulho da goianidade a partir da obra de Mendonça na prosa/poética *Ser Goiano*.

Ser goiano é saber cantar música caipira e conversar com Beethoven, Chopin, Tchaikovsky e Carlos Gomes. **É acreditar no sertão como um ser tão próximo, tão dentro da alma [...]** Ser goiano é saber fundar Cidades. É pisar no Universo sem tirar os pés deste chão parado. É cultivar a goianidade como herança maior. É ser justo, honesto, religioso e amante da liberdade. (Teles, 1998, grifo nosso)

2.3 A ciência corrobora na formação de nossa identidade goiana?

Para responder à questão acima devemos retomar o termo “Goianidade”. Em 1992 a Associação Goiana de Imprensa editou a revista *Goianidade* que em uma única edição teve o objetivo de construir uma identidade cultural para Goiás em um momento muito peculiar de nossa história, pois foi a revista foi criada em meio a três grandes eventos que abalaram a população goiana: o acidente do Césio-137 que ocorreu em 1987, a criação divisão do território goiano em 1988 gerando assim o Estado de Tocantins e o Advento da nova Constituição da República (Souza, 2017).

Baseados nos conceitos de Stuart Hall (2001) registrados em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, no qual aponta a narrativa da nação; ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade; a invenção das tradições; o mito fundamental; e a ideia de um povo *folk* puro, original.

Em análise Souza (2017) realiza uma observação da revista supracitada que inclusive se preocupava em defender os estereótipos sobre Goiás, atrelados a um estado agrícola, ao considerar estes estigmas como uma “forma tola” de retratar nossa identidade. Mas não é neste conceito que iremos nos aprofundar pois já se é sabido que por muitos, principalmente nessa

visão de desconstrução e reconstrução de nossa identidade, figuras icônicas sentem orgulho de nossas tradições sertanejas (rurais/agrícolas), como vistos no tópico anterior, e que é hoje de uma relevância enorme tanto em questão cultural, socioeconômica e agora abordaremos a questão científica.

Quando se fala em questões culturais, político/econômicas e científicas em Goiás torna-se difícil dissociá-las da catástrofe radioativa envolvendo o Césio-137 que marcou de maneira significativa nossa identidade goianiense ou como descreve Chaul (2011) sobre a nossa goianidade.

No campo da abordagem antropológica sobre o Césio-137 em Goiânia, destacam-se as contribuições de Telma Camargo da Silva (1998), importante antropóloga das relações culturais, socioeconômicas ocasionadas pelo desastre radioativo acima mencionado onde a pesquisadora traz em seus relatos que houveram diversos transtornos nesses sentidos principalmente na formação de identidade dos atingidos diretamente ou indiretamente pela radioatividade.

Dentre tantas formas pelas quais o desastre do Césio-137 impactou a identidade goiana, uma delas foi a visão sobre o progresso da ciência e seus transtornos levantaram questionamentos por parte dos goianos que agora interpelavam a verdadeira evolução da ciência amedrontados pelos seus impactos negativos. Outro transtorno ligado à política era uma visão da sociedade sobre o Estado querer acobertar o ocorrido invalidando a voz daqueles que tinham uma identidade de vítimas, tanto que foi fundada uma Associação de Vítimas do Césio-137. Nesse contexto, policiais militares recorreram ao uso de lembranças para constituírem identidades de “doentes da radiação” pois não foram mencionados nas documentações criadas pelas organizações governamentais (Silva, 1998).

Nessa perspectiva, diante de tal cenário, podemos aventar que a população goiana sofreu um forte impacto no que se refere a sua identidade, naquilo que o liga ao território onde habita. A ideia de pertencimento, de pertencer a Goiânia, de orgulhar-se dela foi abalada. (Souza, 2017)

A revista *Goianidade* também tinha o papel de abolir os estragos provocados na identidade cultural, socioeconômica e científica ocasionada pelo Césio-137, principalmente para àqueles que estavam fora do lugar: turistas, governos exteriores e outros Estados, ou seja mais uma vez o governo local deslegitimando a identidade de vítimas, ressignificando o ideal de uma cidade contaminada e buscando trazer um legado de cidade arborizada, com moças

bonitas, “descontaminada”, uma cidade moderna projetada para privilegiar a saúde dos habitantes (Souza, 2017).

De acordo com Hall (2001) a construção da cultura nacional não reflete apenas uma realidade contemporânea mas apresenta uma narrativa que constrói identidades dicotômicas. No sentido de lembrar os tempos de “lutas”, de modo que remonta a história com os tempos de “glória” e isso pode ser observado na identidade goiana, não apenas no termo cultural, mas também em questões territoriais, sociais, etnológicas, dentre outras proposições.

Sem seguir uma ordem cronológica dos fatos aqui será demonstrado um pouco da contribuição de dois grandes naturalistas que passaram pela província de Goiás no século XIX um deles Saint-Hilaire já mencionado doravante em uma concepção como cientista e botânico e Jean Baptist Emanuel Pohl (1782-1834) médico, geógrafo, botânico e desenhista autor dos livros *Viagem ao Interior do Brazil* e *Plantarum Brasiliæ ícones et descriptiones hactenus ineditae* (POHL, 1951).

Ambos autores caracterizam cientificamente o sertão goiano sob uma perspectiva denominada por “saber de fora”. Segundo (Faria, 2020) por muito tempo o Brasil foi representado de modo ilustrado e romantizado, tanto na ciência quanto na literatura como um refúgio utópico, reagindo à nacionalização iluminista que prevaleceu de 1819 a 1829.

No “saber de dentro” Faria (2020, p. 2850, grifo nosso) relata o seguinte:

No Sertão brasileiro, refúgio dos povos originários da investida dos colonizadores, intensificava em distinção ao litoral, num *continuum* do poder dominante civilizado. **A busca pela construção da nacionalidade e a construção da identidade nacional, nas proximidades da modernidade ainda estava distante do processo desigualdade sociocultural, a política e a ciência. Outras investidas para dentro redescobririam um Brasil doente, onde habitava vetores das principais doenças da época, sendo a mais grave o preconceito com o sertão.**

Conforme demonstrado nesta pesquisa, há uma distinção nas percepções de identidade quando se considera a visão do outro (Chaul, 2011) e a perspectiva de quem efetivamente está no contexto. No caso da criação de uma identidade científica o “saber de fora” foi positivo aos membros da comunidade europeia no iluminismo e a dos habitantes do Sertão Goiano era vista de uma forma diferente como é demonstrado na citação anterior em contraposição a visão cultural/religiosa observada por Saint-Hilaire e autores da época.

Ainda considerando o “saber de fora”, o sertanejo foi retratado por duas importantes instituições brasileiras: a *Comissão Rondon* e o *Instituto Oswaldo Cruz* de forma preconceituosa devido às peculiaridades vivenciadas naquele tempo (por volta de 1916).

Assim, a **Comissão Rondon** e o **Instituto Oswaldo Cruz** mostrariam um mundo rústico de dificuldades e muito empenho e resiliência do sertanejo para sua adaptação. Com uma imagem da brasilidade associada a doenças e abandono do Estado, poucos imaginavam que ali, em terras adubadas com sangue indígena, **seria plantado o futuro celeiro da humanidade** e o centro político do poder brasileiro, onde a expressão máxima da modernidade, na figura de um médico futurista, construiria mares no cerrado e um horizonte de concreto. (Faria, 2020, grifo nosso)

Ainda de forma atemporal, exploraremos este trecho em destaque “o futuro celeiro da humanidade” em que seu viés segue uma linha científica, socioeconômica e cultural. É notório que o agronegócio é uma das molas propulsoras da economia brasileira, principalmente ao se falar em geração de renda e emprego quanto da contribuição para o desempenho da balança comercial do país.

Em relação ao Estado de Goiás os produtos vinculados a agropecuária principalmente para exportação incrementam o Produto Interno Bruto (PIB), gerando riquezas, o que possibilita investimentos em segurança, educação, qualidade de vida, além de gerar empregos com um compromisso fundamentado na sustentabilidade e responsabilidade ambiental. Esses avanços são proporcionados pelo uso de tecnologias modernas e legislações ambientais fundamentadas na Constituição Federal retratadas por Ferreira e Guimarães (2024) como práticas agrícolas progressistas.

Com ênfase na ciência gerada em Goiás e sua relação com a cultura contemporânea, uma análise bibliométrica observou que as pesquisas sobre o gado estão classificadas em 4º lugar no Estado de Goiás. (Ribeiro de Freitas Irizaga; De Souza Vanz, 2021). E segundo dados do (IBGE, 2023) em 2022 Goiás ocupa o 3º lugar no *ranking* de efetivos de bovinos possuindo 24,8 milhões de cabeças.

Toda esta narrativa histórico-cultural, socioeconômica e científica acerca da identidade goiana (goianidade) se encerra com a publicação do livro: *Aqui o Sistema é Bruto: O universo sertanejo country e a identidade goiana*, publicado por (Silva, 2020). O desfecho embasado nas entrelinhas desta obra amplia as possibilidades de mergulhar nessas influências de identidade já que seus campos são amplos.

A autora Reijane Pinheiro da Silva (2020) discorre sobre o tema e demonstra como a etnografia sobre o universo sertanejo/country se consolidou desde os primórdios até os tempos contemporâneos correlacionando não apenas a agropecuária (característica socioeconômica) mas também a música sertaneja que hoje pode ser vista tanto no quesito cultural quanto no aspecto socioeconômico já que o mercado musical possui grande influência para os goianos.

Silva (2020) demonstra a correlação existente entre urbano-rural e analisa a estrutura simbólica do rural no contexto urbano dentro de manifestações artísticas-culturais como a festa

agropecuária de Goiânia e o rodeio, onde o vestuário, as mercadorias, os comportamentos, as músicas, os animais, os implementos agrícolas são símbolos do entrelaçamento da goianidade e dos aspectos sertanejos que não foram esquecidos, pelo contrário ressignificadas pelo “saber de dentro”.

Neste contexto, pode-se afirmar que a ciência contribui para a identidade goiana, mas não de forma isolada. Ao passo que a ciência evolui de acordo com os aspectos socioeconômicos, que estão intimamente ligados a questões histórico-culturais, é, portanto, impossível dissociar esse campo complexo, que inclui múltiplos elementos sociais e culturais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa, possibilitou análises que atravessaram os campos de disciplinas isoladas e permitiu interligá-las para demonstrar uma visão transdisciplinar da formação da identidade goiana em seus aspectos socioeconômicos, culturais e científicos atrelados a uma visão do rural e a ligação com a criação de rebanhos de gado onde permitiu vislumbrar desde as primeiras menções desses fatores pelos antigos naturalistas que passaram por essas terras no período da Província de Goiás até as construções das manifestações culturais contemporâneas.

É possível perceber que o sujeito, na condição de observador, interfere na maneira como descreve a identidade de uma região, demonstrando que interesses, costumes, culturas, entre outros fatores, influenciam essa percepção, possibilitando a ressignificação da compreensão do outro e de si mesmo quando inserido em sua realidade. Além disso, evidencia que a identidade de uma sociedade pode ser ressignificada de acordo com as formas de pensar, observar e interagir com o ambiente em que se vive.

Existem, ainda, algumas lacunas a serem preenchidas, principalmente no que se refere à influência da ciência na identidade do povo goiano, que devem ser exploradas sob uma perspectiva transdisciplinar.

REFERÊNCIAS

CHAUL, N. F. A identidade cultural do Goiano. **Ciência e Cultura**, v. 63, n. 3, p. 42–43, jul. 2011.

FARIA, E. R. DE J. E. As representações dos vastos sertões da Província de Goiás nos relatos de Auguste Saint-Hilaire e Johann Emanuel Pohl / The representations of the vasts deserts of

the Province of Goiás in reports of Auguste Saint - Hilaire and Johann Emanuel Pohl. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, v. 3, n. 4, p. 2837–2852, 2020.

FERREIRA, R. M.; GUIMARÃES, R. S. Política agrícola e o desenvolvimento econômico e sustentável no agronegócio do estado de Goiás. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, v. 22, n. 3, p. e3962, 29 mar. 2024.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: [s.n.].

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. **Lamparina**, 2023, v. 12, p. 1–63, 2023.

IBGE. **Produção da Pecuária Municipal 2022**. Rio de Janeiro: [s.n.].

IVANI CATARINA ARANTES FAZENDA. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** [s.l: s.n.]. v. 4

POHL, J. E. **Viagem no Interior do Brasil: empreendida nos anos de 1817 a 1827**. Rio de Janeiro: [s.n.]. v. 2

RIBEIRO DE FREITAS IRIZAGA, K.; DE SOUZA VANZ, S. A. Relações entre a produção científica e a produção agropecuária brasileira sob o viés de um estudo bibliométrico. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 17, n. 37, p. 1–21, 29 jul. 2021.

SAINT-HILAIRE, A. DE, 1779-1853. **Viagem às nascentes do rio S. Francisco e pela província de Goyaz**. 78. ed. [s.l.] São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1937. v. 68

SILVA, R. P. DA. **Aqui o Sistema é Bruto: O universo sertanejo country e a identidade goiana**. Brasília: [s.n.].

SILVA, T. C. DA. **Recompondo as Lembranças do Caso do Desastre Radiológico de Goiânia. Memória: anais do I Seminário e da II Semana de Antropologia da Universidade Católica de Goiás**, 1998.

SOUZA, R. B. DE. Por uma identidade cultural para Goiás: uma análise da revista Goianidade (1992). **Revista Regional de História**, v. 22, n. 2, p. 210–236, 2017.

TELES, José Mendonça. **Crônicas de Goiânia**. Goiânia: Kelps, 1998.